

The Pennsylvania State University ILL

ILLiad TN: 2056347



## Article

**Journal Title:** Euphrosyne.  
**Volume:** XLIII **Issue:** Nova Serie  
**Month/Year:** 2015 **Pages:** 395-396

**Article Title:** Tragedy in Ovid: theater, metatheater, and the transformation of a genre  
**Article Author:** Gabriel Silva

**Notes:** Borrowing Notes: SUNY/OCLC Deposit Account# w/ UMI:D#800108 Oberlin Grp. Mem/CANNOT PAY INVOICE WITHOUT COPY OF REQUEST We do charge those that charge us. (maxCost: 25.00)

**ILL Number:** 168398364

**Lending String:**  
EYM,IND,NOC,\*UPM,CUY,CUZ,UWO,YUS

Request in processing: 20160714  
7/14/2016

**Notice: This material may be protected by copyright**

**Call #:** PA9.E86 n.s.v.43 2015

**Location:** 2

Maxcost: 25.00IFM

**PENNSTATE**



Interlibrary Loans  
Penn State University Libraries  
127 Paterno Library, Curtin Rd.  
University Park, PA 16802

INTERLIBRARY LOAN  
SKIDMORE COLLEGE LIBRARY  
815 NORTH BROADWAY  
SARATOGA SPRINGS, New York 12866  
United States

**Odyssey:** 141.222.4.99

**Email:** ILLDESK@skidmore.edu

função que Eneias dá a Ascânio de seguir o seu modelo e o de Heitor, para que a memória seja fundeada em virtude e sirva de exemplo aos vindouros. De seguida, o A. elabora uma interessante análise sobre a *damnatio memoriae* que Juno pretende para Tróia e constrói um paralelo entre a súplica final de Turno a Eneias e o diálogo entre Príamo e Aquiles. Termina o capítulo com uma referência ao verbo *condere* e a importância da sua polissemia nalguns pontos da *Eneida*.

Na conclusão ao livro (pp. 196-204), o A. realiza um breve apanhado dos principais aspectos tratados, salientando a transição entre passado e futuro dos Troianos e a importância da memória enquanto mecanismo social e narrativo, sendo que a memória está no centro de todas as transições.

Ainda que, pela sua densidade, o estilo seja, por vezes, difícil de acompanhar, Seider cumpre os objectivos propostos, num livro com unidade e coesão, útil para todos os estudiosos de Vergílio, e da *Eneida* em particular.

GABRIEL SILVA

Centro de Estudos Clássicos - U. Lisboa  
gabriel.silva.flul@gmail.com

DAN CURLEY, *Tragedy in Ovid: theater, metatheater, and the transformation of a genre*, Cambridge University Press, 2013. 275 pp. ISBN 978-1-107-00953-0

A obra em epígrafe é o produto final da tese de doutoramento de Dan Curley (University of Washington, 1999). Nela, Curley debruça-se sobre a utilização que Ovídio faz do género trágico em algumas das suas obras, principalmente nas *Heróides* e nas *Metamorfoses*.

O primeiro capítulo ("*Mutatas dicere formas*. The transformation of tragedy", pp. 1-18) é fundamental para efeitos de contextualização. Começa o A. por explicar o propósito do presente livro e as possibilidades de encontrar presenças do género trágico em Ovídio. Justifica a escolha de trabalhar apenas temas e textos relacionados com quatro personagens mitológicas principais (Hécuba, Medeia, Dejanira e Hércules). Para familiarizar o leitor com a terminologia usada no seu estudo, o A. explica os vários conceitos-chave a que recorre.

O segundo capítulo ("*Nunc habeam per te Romana Tragoedia nomen*. Ovid's *Medea* and Roman Tragedy", pp. 19-58) dedica-se exclusivamente à tragédia em contexto romano. Após uma primeira secção sobre os autores de tragédia antes de Ovídio (Lívio Andronico, Névio, Ênio, Pacúvio e Ácio), Curley centra-se na tragédia *Medea*, de Ovídio, localizando a feita da peça em 13 a.C. Posteriormente, colaciona e analisa sumariamente alguns fragmentos dessa tragédia presentes noutros autores, assim como possíveis referências à peça dentro do próprio *corpus* ovidiano. A terminar o capítulo, o A. expande a sua análise, exemplificando as metamorfoses da tragédia noutros textos anteriores a Ovídio, como a *Eneida* e os *carmina* 63 e 64 de Catulo.

No terceiro capítulo ("*Lacrimas finge videre meas*. Epistolary theater", pp. 59-94), são discutidos alguns aspectos do trágico presentes nas *Heróides*: os limites espaciais e temporais a que as personagens de ambos os géneros estão sujeitas; a auto narração das histórias em que participam; o *pathos* e a utilização de motivos mitológicos, cuja função é elevar o género elegíaco; por fim, é tratada a ironia que só consegue surtir efeito se a audiência estiver familiarizada com o tema que está a ser trabalhado. O capítulo termina com a apresentação daquela que, segundo o A., poderia ser a 22.ª carta de Ovídio, o mito de Bórbis, nas *Metamorfoses*. Serve este mito para fazer a transição do teatro epistolar para o teatro da épica.

O quarto capítulo ("*Locus exstat et ex re nomen habet*. Space, time, and spectacle", pp. 95-133) explora as manipulações que Ovídio faz do espaço e tempo trágicos nas narrativas de Hécuba, Hércules e Medeia nas *Metamorfoses*. Encara o estudioso esta obra como sendo um teatro da épica com a capacidade de mostrar todas as formas de espectáculo, do *pathos* emocional

a actos violentos apenas imaginados por audiências de tragédia. A análise centra-se sobretudo na alteração espacial que Ovídio faz em relação às tragédias em que as mesmas personagens são protagonistas, ampliando o espaço da acção.

Os monólogos de Ovídio e a sua relação com a retórica da tragédia são o tema central do quinto capítulo (“*Tollens ad sidera palmas exclamat. Staging rhetoric*”, pp. 134-176). O A. analisa os discursos de Medeia, Hécuba e Hércules nas *Metamorfoses*. É verificado que o propósito de um monólogo em Ovídio é o mesmo que na tragédia: articular pensamentos, lamentos, questões e planos. Curley analisa a *rhexis* de Medeia à luz de Eurípides e Apolónio de Rodes, centrando-se nos *topoi* da *akrasia*, uma paralisação da vontade; da modéstia vs. desejo; e da interrogação pessoal. De seguida, o A. analisa as semelhanças entre as *rhexeis* de Medeia e Hécuba e em que medida estas se distanciam dos monólogos das tragédias em que participam. O discurso de Hércules apresenta diferenças maiores uma vez que, face aos anteriores, é proferido por um homem. Avalia-se a *rhexis* masculina e o *pathos* do herói, comparando-se, por fim, a lista dos trabalhos de Hércules/Hércules em Sófocles e Ovídio. Conclui Curley afirmando que “epic poetry can be configured as a *theatron* for not only spectacles but also speeches” (p. 175).

O sexto capítulo (“*Medeae Medea forem. Tragic intratextuality*”, pp. 177-216) começa por centrar-se no conceito de “intratextual footnotes” e nas leituras paralelas que podem ser estabelecidas dentro da mesma obra. O essencial do capítulo reside nas leituras intratextuais que podem ser feitas entre pares mitológicos: os sacrifícios de Ifigénia e Políxena, os mitos de Medeia e Dejanira e de Dejanira e Hércules, e de que forma estas personagens se assemelham umas às outras nas *Metamorfoses* e também nas *Heróides*.

No capítulo final (“*Carmen et error. Tragedy’s end*”, pp. 217-235), o A. analisa, sob a forma de resumo, a carreira de Ovídio enquanto poeta trágico, verificando que os solilóquios nas *Metamorfoses* são a ligação mais próxima deste poeta à tragédia. Finaliza com uma breve explanação sobre a relação que Ovídio tem com a poesia de Vergílio e sobre a relação de Séneca com a poesia de Ovídio, mostrando alguns ecos deste nas tragédias *Tiestes* e *Fedra*.

Apresentam-se, por fim, no final do livro, três secções distintas: bibliografia (pp. 236-250), índice de passos (pp. 251-262) e índice geral (pp. 263-275).

GABRIEL SILVA

Centro de Estudos Clássicos – U. Lisboa  
gabriel.silva.flul@gmail.com

HENRY J. M. DAY, *Lucan and the Sublime. Power, Representation and Aesthetic Experience*, Cambridge University Press, 2013 (Cambridge Classical Studies). x + 262 pp. ISBN 978-1-107-02060-3

A questão do sublime na literatura, recolocada em bibliografia que se tem avolumado nas três últimas décadas, reestabelece uma concepção de arte em que a experiência do receptor é tida em conta, saindo-se da análise centrada no texto para a experiência estética e emocional. A reflexão orienta-se assim no sentido daquilo que constitui a vitalidade de qualquer obra de arte, a sua capacidade de provocar uma resposta actual, secundarizando a mera análise estilística, cultural ou histórica. O Sublime, essa elevação do espírito que nos subtrai à banalidade das nossas vidas, sobressaltando as nossas emoções, é o anseio último de qualquer obra de arte. Não é devido à inércia escolar que os clássicos sobreviveram aos séculos, nem à informação histórica, cultural ou ideológica que veiculam. Sobreviveram porque mantiveram, em cada uma das muitas gerações que no-los transmitiram, a capacidade de interpelar, comover, deleitar, e de provocar a experiência da sublimidade. E esta voga recente da reflexão sobre o sublime é necessariamente uma “moda antiga”.